

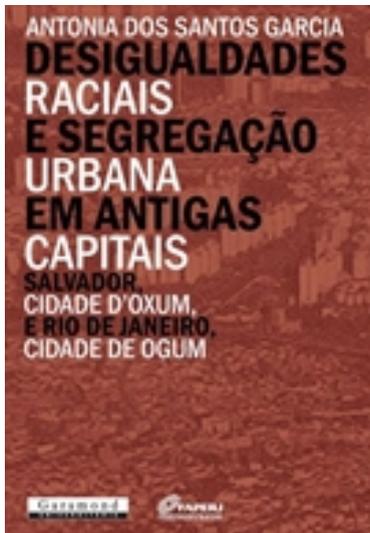
RESENHA

GARCIA, Antônia dos Santos. **Desigualdades raciais e segregação urbana em capitais antigas: Salvador, cidade D’Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 544p.

Vanessa Santos do Canto

Advogada; Mestre em Serviço Social - PUC-Rio;
Estudante do Curso de Especialização em Sociologia Urbana – UERJ.

E-mail: nscanto@yahoo.com.br



Nas últimas décadas podem ser observadas mudanças profundas nos modos de produção capitalista que têm repercutido sobre os mais variados aspectos da vida social. A passagem do fordismo ao pós-fordismo opera o deslocamento das fronteiras territoriais e contribui para que surjam novas formas de produção do espaço urbano. Este fenômeno pode ser observado em todo o mundo.

Nesse sentido, a cidade, que já havia sido diagnosticada como o *locus* privilegiado da acumulação capitalista, bem como para a compreensão das relações sociais que se estabelecem neste contexto, atualmente demonstram de maneira inexorável as novas dinâmicas produtivas, bem como os processos de subjetivação contemporâneos. Das cidades concêntricas, passamos às cidades policêntricas.

O local e o global interagem de maneiras extremamente complexas e que desafiam as tradicionais abordagens das Ciências Sociais e Humanas. A globalização

favorece a emergência de novos signos e códigos sociais que convivem com as formas tradicionais de entendimento da realidade. A tensão entre tradição e modernidade se torna talvez obsoleta ao se aprofundar as reflexões acerca da pós-modernidade.

Além disso, tem-se afirmado que a divisão social e técnica do trabalho apresentam um caráter cada vez mais hierarquizado e especialmente permeado por distinções de gênero e raça. A feminização e a racialização são características primordiais para se compreender as novas formas de organização do trabalho, visto que se por um lado são anteriores ao capitalismo, por outro, contribuem para que se estabeleçam novas formas de assimetrias nas relações sociais na atualidade.

É nesse contexto de acentuada complexidade e inúmeras transformações que Antônia dos Santos Garcia realiza uma abordagem que busca articular desigualdades raciais e segregação urbana. A pesquisadora é socióloga, mestre em Geografia pela UFBA e doutora em Planejamento Urbano pelo IPPUR-UFRJ. Anteriormente, publicou o livro *As Mulheres da Cidade d'Oxum: Relações de Gênero, Raça e Classe e a Organização Espacial do Movimento de Bairro de Salvador* no ano de 2006, dentre outros artigos relacionados às questões de gênero e raça nos movimentos populares urbanos da Bahia e ao papel político desempenhado pelas mulheres.

Seu engajamento político e sua visão crítica amplamente influenciada pelo legado marxista se revelam nesse livro em que é marcante a abordagem dialética. A autora não se intimida diante dos intensos debates acadêmicos acerca da segregação espacial e da segmentação social nas cidades e, afirma a necessidade de que se deve considerar o racismo como elemento imprescindível para a compreensão dessas dinâmicas. Assume uma postura racialista, pois compreende que os negros no Brasil nunca se organizaram enquanto etnia e que o pensamento anti-racialista contribui para a naturalização das desigualdades sociais.

Dessa forma, podem ser percebidos três eixos que norteiam as reflexões desenvolvidas no processo de pesquisa apresentado na presente obra. Inicialmente, destaca-se o processo histórico de desenvolvimento das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, visto que ambas foram antigas capitais que na atualidade figuram como as maiores metrópoles brasileiras depois de São Paulo. A primeira figurou como principal

cidade durante o período colonial e a segunda inicia seu predomínio ainda durante este período e mantém seus *status* durante parte do período republicano.

Em segundo lugar, a caracterização racial aparece como princípio de hierarquização dos indivíduos que revela um interessante paradoxo: a existência do racismo sem racistas que contribui para a perpetuação das desigualdades raciais. Assim, a autora destaca que apesar de se observar um sensível crescimento do número de trabalhos quantitativos e qualitativos que abordam as desigualdades raciais e que tem contribuído para desvelar as desigualdades específicas vividas pela população negra e para o enfrentamento do racismo, o paradoxo ainda persiste.

E finalmente, a interlocução entre segregação urbana e questão racial como uma realidade que não é auto-evidente no Brasil e que exige dos estudos e das políticas urbanas a consideração de que a articulação entre estes dois aspectos é uma questão prioritária a ser superada. A autora destaca que muitos estudiosos ao partirem da imagem do gueto norte-americano, afirmam a inexistência de segregação racial nas cidades brasileiras. Outro aspecto se refere ao fato de que os trabalhos ligados à Sociologia e à Antropologia têm dedicado pouca atenção à articulação existente entre as formas de manifestação do racismo e as questões urbanas.

Assim, busca-se compreender a desigualdade social como um processo histórico, estrutural e político que é passível de transformação pelos sujeitos sociais e políticos organizadores do território e da sociedade. A autora analisa a literatura acerca das relações raciais no Brasil e aquelas que tratam da segregação urbana, a fim de refletir sobre as formas de manifestação destes fenômenos no Rio de Janeiro e em Salvador, a partir da exposição de três pontos específicos.

Primeiramente, realiza um estudo comparativo das desigualdades raciais nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador e sua relação com a segregação espacial e a segmentação social. Em segundo lugar, desenvolve um estudo de caso em um bairro específico de cada cidade, para verificar a compreensão/percepção de seus moradores sobre a problemática racial, estereótipo discriminação e segregação residencial no espaço urbano. Finalmente, analisa a relação entre bens e serviços urbanos e hierarquia social, racial e espacial, para verificar em que medida a localização do bairro favorece ou não as condições de bem-estar de seus moradores.

A autora parte de duas hipóteses. A primeira se refere ao fato de que a discriminação racial é específica e não se esgota na exploração de classes. Questiona as perspectivas igualitaristas e pretensamente universalistas a partir de uma análise do tecido urbano capaz de revelar as hierarquias do espaço e de que maneira o componente racial incide nas diversas posições sociais e em sua categorização. A segunda hipótese é a de que a distribuição espacial desigual dos serviços de consumo coletivo de ambas as cidades reflete a organização espacial, estratificada em bairros de alto *status* social, de médio *status* social e de baixo *status* social e favelas/invasões.

A análise é realizada de maneira articulada, mas leva em consideração o fato de que raça e classe são variáveis independentes. E, dessa forma, organiza os microdados do censo de 2000 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir do cruzamento de variáveis de educação, ocupação rendimento, dentre outras, com a variável raça, que é uma das unidades de análise das pessoas por AEDs (Área de Expansão Demográfica) e a outra por domicílios.

A obra é dividida em seis capítulos e possui um apêndice metodológico. No primeiro capítulo é realizado um breve resgate histórico da questão racial a partir dos autores clássicos do pensamento social sobre o negro brasileiro e realiza uma análise das obras acerca da questão urbana. Neste sentido, são analisadas criticamente as contribuições teóricas dos autores da sociologia clássica, bem como dos pesquisadores da Escola Sociológica de Chicago e de seus sucessores, tendo em vista sua influência sobre os estudos urbanos no Brasil. Destaca-se, ainda, a produção marxista sobre a cidade, sobretudo os estudos influenciados pelos denominados novos movimentos sociais que emergem no maio de 1968, visto que propiciam a reflexão sobre questões que transbordavam da clássica análise dos conflitos entre capital e trabalho.

No segundo capítulo são traçados os perfis sócio-raciais e religiosos de ambas as cidades pesquisadas, tendo em vista o seu papel histórico no processo de urbanização do país. Analisa a expressão espacial das distribuições das raças e classes sociais e seu peso nos processos de segregação residencial, o papel desempenhado pela variável raça na produção das desigualdades no espaço urbano, as hierarquias reveladas nas classificações dos tipos de residências (moradias populares, camadas média e alta), bem como a segregação em termos de apropriação

dos equipamentos coletivos. Apresenta as principais características que demarcam as temporalidades dessas cidades desde o período colonial até a contemporaneidade, apresentando de que forma a resistência transforma a apropriação do espaço ao longo do tempo.

No terceiro capítulo, são analisadas de maneira concreta as formas pelas quais a segregação urbana e as desigualdades raciais se manifestam. São apresentados dados empíricos relacionados à distribuição espacial da população por cor ou raça através de tabelas e mapas temáticos, os diferentes indicadores de estratificação social e racial dos indivíduos e sua correlação ou não com a moradia através de indicadores que revelam tanto a desigualdade social como a racial em ambas as metrópoles tais como condição de moradia, tipo de moradia, casa própria, densidade por dormitórios e número de banheiros. Em relação à posse dos bens urbanos é analisada a distribuição espacial do telefone, do automóvel e do microcomputador, por se considerar que refletem de maneira nítida as hierarquias sociais.

O quarto capítulo trata da relação entre raça, classe e estrutura urbana a partir da análise dos dados relativos à ocupação, renda e educação. A autora parte da idéia de desenvolvimento capitalista dependente e tardio, a fim de compreender de que forma as diferenças de inserção dos indivíduos na produção de bens e serviços reflete nas diferenças de estilos de vida, apesar de ressaltar o fato de que não há uma determinação simples ou mecânica neste aspecto. Destaca as características específicas dos trabalhadores de cada cidade estudada, através de fatores relacionados à industrialização, aos reflexos do processo de imigração ocorrido no início do século XX e aos tipos de ocupações e serviços predominantes.

O quinto capítulo apresenta as características de Plataforma. Esse bairro que antigamente era uma das senzalas de Salvador e durante o processo de industrialização da cidade experimenta um desenvolvimento relativo, nos últimos anos tem passado por um processo de estagnação e degradação que tem experimentado o surgimento de conflitos pelo uso do solo. A análise das desigualdades no interior do bairro possui dois objetivos: o primeiro visa a uma análise da história social do bairro, a fim de se dimensionar as desigualdades de raça e de classe; o segundo tem por objetivo verificar o papel da discriminação, da estigmatização e do isolamento racial na formação social e histórica, através da percepção de alguns moradores.

No último capítulo, são analisados os processos de formação de Bangu, bairro situado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A autora realiza um resgate das possíveis origens etimológicas do nome do bairro e afirma a origem análoga à de Plataforma, visto que também era uma antiga fazenda. Destaca o processo de transição de zona rural a urbana, a partir do século XVII quando começa a se transformar em bairro, e que se intensifica com o processo de industrialização que ocorre no século XIX. Apresenta o perfil sócio-racial do bairro, a partir de dados relacionados à renda, ocupação, serviços públicos, tais como educação, saúde e transporte.

O anexo apresenta as considerações metodológicas relativas ao percurso da pesquisa, organização dos dados, amostragem, tabelas que contêm o cruzamento de dados não apresentados nos mapas, a composição por cor ou raça de todos os bairros que compõem as AED's das cidades do Rio de Janeiro e Salvador e, ainda, imagens que demonstram os contrastes sociais de ambas as cidades.

Dessa forma, Antônia dos Santos Garcia apresenta um livro extremamente relevante tanto pelos dados e análises realizadas quanto pelas reflexões suscitadas, visto que exigem abordagens mais amplas acerca dos temas urbanos. Sua pesquisa reforça a necessidade e urgência de se pensar as desigualdades sociais para além da abordagem da classe social. Nesse trabalho a autora demonstra que as questões urbanas devem ser analisadas também a partir da raça, pois comprova que esta é uma variável relevante para a compreensão das desigualdades que se revelam na organização espacial das cidades. Além disso, são apontadas novas possibilidades de análise das transformações do espaço urbano que estão em curso e, ainda, novas hipóteses de pesquisa em diversas áreas do conhecimento.

Assim, a leitura de *Desigualdades raciais e segregação urbana em capitais antigas* se torna obrigatória para todos aqueles que se interessam pelos temas relativos às cidades, ou que simplesmente desejam compreender o processo histórico de formação dessas antigas capitais, e sua articulação às desigualdades raciais e de classe que são traduzidas no território, na forma de organização do espaço urbano nos dias atuais e que impõem inúmeros desafios a todos que, de alguma forma, propõem-se a superá-los.